

Glossário Científico em Libras: Caminhos para a Inclusão das Pessoas Surdas no Brasil¹

Janaína Pereira CLAUDIO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais, referencial da Cultura Surda, e considerada como a segunda língua oficial do país, representa a importância da comunicação visual entre os sujeitos surdos, permitindo a mediação entre intérpretes, tecnologias e outros elementos. A falta de sinais que contemplassem termos científicos em diversas áreas foi motivadora para a criação do GEIL³ (Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais), que teve seu projeto financiado⁴ pela FAPERGS⁵. O grupo percebeu a necessidade de criar um glossário bilíngue de termos científicos em Libras⁶, e desenvolveu o projeto cujos objetivos são investigar e levantar termos já existentes, criar e registrar novos sinais-termos e publicá-los cientificamente, com vistas à inclusão dos surdos tanto no Rio Grande do Sul, onde a iniciativa começou, quanto no restante do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais; glossário científico; comunicação visual; cultura surda.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira se deu através da aprovação da legislação federal, a Lei nº 10.436, de 2002. E essa lei, além de permitir a comunicação das e com as pessoas surdas no Brasil, tem possibilitado a construção de políticas linguísticas e educacionais com o intuito de beneficiar este grupo da população. Posteriormente, essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 2005, e isso tem propiciado que diversas e novas perspectivas venham se colocando na educação e no cotidiano dos sujeitos comunicantes surdos.

A regulamentação da referida legislação também permitiu a disponibilização de equipamentos e de tecnologias que promovam autonomia pessoal/profissional dos surdos ou o uso, por estes, de informações, de modos de comunicação e de outros recursos sociais e pedagógicos. Além disso, a utilização e a difusão de Libras nas comunidades surdas no Brasil possibilitaram que outros espaços, como a família e a

¹ Trabalho apresentado no GT 3 Comunicação Digital e Tecnologias, do PENSACOM BRASIL 2019.

² Doutorado em Ciências da Comunicação da UNISINOS, mestrado em Educação da UFRGS, e-mail: janaina.claudio@pucrs.br

³ Projeto vinculado à Escola de Humanidades da PUCRS.

⁴ Edital FAPERGS 04/2019 – Auxílio Recém-Doutor – ARD.

⁵ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

⁶ Língua Brasileira de Sinais.

escola, tivessem garantidos os seus direitos, e também que, na modalidade escrita, fosse valorizado o aspecto semântico e reconhecida a singularidade linguística. Estas condições favoráveis e práticas acadêmicas visam a integração, inclusive linguística e educacional, dos surdos e apontam para a necessidade de um novo caminho de estudos que envolva o registro de termos científicos.

No primeiro semestre de 2019, a autora, professora de Libras e pesquisadora surda da PUCRS⁷, lançou a ideia de se criar o GEIL⁸, que reuniu funcionários do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS e estudantes de Letras, Biologia, Filosofia, História e de outros cursos de graduação da universidade, que reconheceram a falta de registro científico dos sinais-termo no Brasil. A partir daí, o grupo concebeu o projeto cuja proposta foi desenvolver uma comunicação acessível entre os sujeitos surdos e ouvintes nos ambientes digital visual, social e educacional, e que foi selecionado e financiado pela FAPERGS.

O projeto apresenta cinco etapas principais. A primeira, investigar e fazer um levantamento dos sinais já existentes e utilizados pela comunidade surda no Brasil; a segunda, avaliar se os sinais criados estão adequados ou não aos termos científicos; a terceira, fazer um estudo para se criar os sinais-terminos inexistentes, e também adaptar aqueles que não estão contextualizados de forma apropriada; a quarta, registrar, por meio de vídeo e de glossário, os sinais existentes e os criados na terceira fase, e a última, disponibilizar o glossário à sociedade por meio de acesso gratuito.

Salientamos que o presente projeto está em andamento e que neste artigo será apresentada, metodologicamente, a etapa de estudo e criação dos sinais-terminos inexistentes, e da adequação de alguns sinais que não estavam devidamente contextualizados. A meta aqui é dar maior visibilidade para a atuação do educador, do intérprete de Libras, em sala de aula escolar/acadêmica, do mediador, do instrutor, no museu e nos espaços relacionados a esta área, conforme o contexto de atuação do GEIL, para que possam ser garantidos o entendimento e a aprendizagem do sujeito surdo.

BREVE HISTÓRICO DOS DICIONÁRIOS EM LIBRAS

Os dicionários, tanto das línguas falantes quanto das línguas de sinais, sejam impressos ou digitais, são fundamentais para sua estruturação e circulação

⁷ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁸ Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais.

comunicacional (da LIBRAS⁹), pois descrevem informações fonológicas, gramaticais e semânticas sobre as palavras e os sinais (PIZZIO, REZENDE e QUADROS, 2009).

Importante salientar que, a partir dos estudos do pesquisador e linguista, William Stokoe, nos anos 1960, sobre as variações linguísticas das línguas de sinais, em que enfocava a Língua Gestual Americana (ASL), outros linguistas passaram a reconhecer que as línguas de sinais no mundo são línguas maternas/naturais, pois, são sistemas linguísticos autônomos, independentes das línguas orais, e podem coexistir em qualquer comunidade (LUCAS, BAILEY, VALLI, 2001, p. 4). A publicação do livro de Stokoe, Casterline e Croneberg, *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, apresenta uma investigação valiosa que entende que as línguas dos surdos são organismos vivos, dinâmicos, que se modificam e evoluem com o passar do tempo e com seu uso pelas pessoas surdas. Isso também acontece nas línguas orais, para os falantes, provocando um fenômeno natural que pertence à evolução de qualquer idioma.

A comunidade surda sempre criou e produziu seus sinais. Muitos deles, porém, não foram registrados por falta de recursos tecnológicos. Eram somente gravados por meio de desenhos e outras formas de iconografia. Muitos desses símbolos estão em obras, impressas e *on-line*, reconhecidas como importantes para a comunidade surda no Brasil. Por serem muitas, seria inviável trazer todas, motivo pelo qual serão apresentadas apenas algumas delas.

Para iniciar, o primeiro Dicionário de Libras. Com 399 sinais, o dicionário *Iconografia dos signaes dos surdos-mudos* foi elaborado em 1875 por Flausino José da Gama, ex-aluno do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), do Rio de Janeiro. E é possível encontrar essa obra em formato de PDF, no site da Editora Arara Azul¹⁰.

⁹ Observação nossa.

¹⁰ Site: https://editora-arara-azul.com.br/site/tribuna_livre Acesso em: 04 dez. 2019.

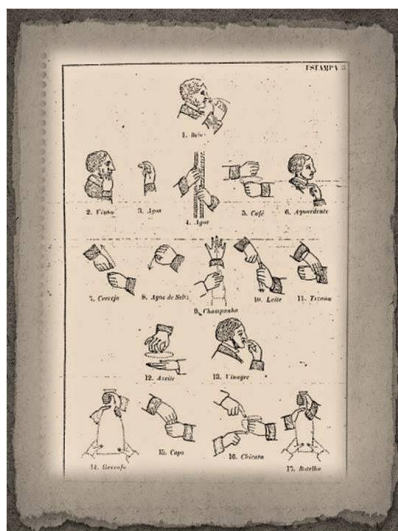


Figura 1: Iconografia dos signaes dos surdos-mudos.

Ao observar a figura acima, pode-se compreender que os sinais da Libras registrados por Flausino tiveram grande influência da Língua de Sinais Francesa (LSF). Tal fato é explicado historicamente com a vinda ao Brasil, em 1857, do surdo francês, Ernest Huet, para fundar, juntamente com o Imperador Dom Pedro II, a primeira escola para surdos, atualmente INES. Conforme a autora Olizaroski afirma:

Os surdos tiveram, finalmente, a oportunidade de criar sua própria língua: a Língua Brasileira de Sinais – Libras, que utilizavam livremente para a comunicação e expressão e também a recebiam em sua educação acadêmica, ministrada naquela época, apenas em escolas especializadas. (OLIZAROSKI, 2013, p. 7).

É curioso que a origem da nossa Libras tenha suas raízes linguísticas na França e não em Portugal, como a língua oral oficial do país. E o grande desafio da Libras, hoje, é a construção de novos sinais, pelos próprios sujeitos surdos brasileiros, que estejam de acordo com os contextos histórico, geográfico e sociocultural do país.

Em 1990 surge uma obra com 325 páginas e composta por 1.300 sinais. O livro *Linguagem das mãos*, organizado pelo padre Eugênio Oates. Este tinha contato com instituições educacionais relacionadas à surdez nos Estados Unidos, e trouxe seus conhecimentos e contribuições para as pessoas surdas no Brasil com objetivo de que pudessem ter acesso à religião cristã. Por isto, este livro apresenta forte influência religiosa e dos sinais americanos. (VELOSO; MAIA, 2009).



Figura 2: Linguagem das mãos.

A obra mais recente é o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue. Língua de Sinais Brasileira*. Este dicionário trilíngue (apresenta a tradução em Português, Inglês e na escrita de sinais) foi elaborado por Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, publicado em 2001, em dois volumes, e conta com mais de 10.000 verbetes. E com ele é possível visualizar, de forma detalhada, como o sinal é feito, pois mostra o tipo de configuração de mão, o ponto de articulação, a localização, o movimento e as expressões faciais. Nesta obra, os sinais são apresentados em formato de desenhos.

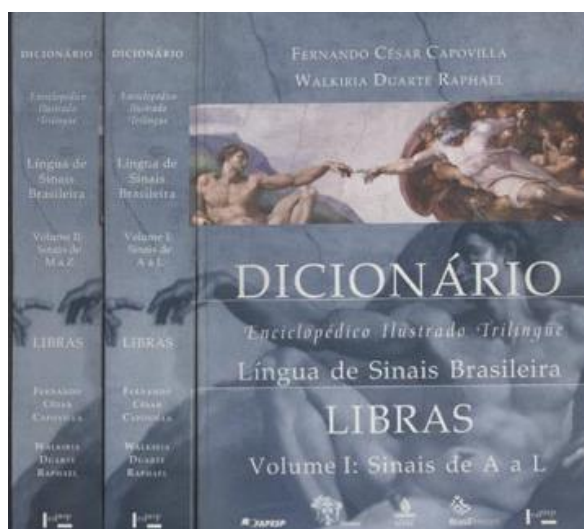


Figura 3: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue. Língua de Sinais Brasileira.

Com o avanço das tecnologias e a aprovação do Decreto nº 5.626, de 2005, surgiram várias oportunidades para a implantação da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de Licenciatura, e nos cursos de Fonoaudiologia e Pedagogia. Nos demais cursos de educação superior e profissional, como disciplina optativa. O uso e a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, vieram ampliar o mercado de trabalho em diversas áreas, como na formação do tradutor e intérprete de Libras, por exemplo. Além disso, possibilitaram o uso das redes sociais, a criação de equipamentos eletrônicos, das legendas *Close Caption* e de outros recursos que apoiam a acessibilidade na comunicação.

Em 2005, foi criado o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* por Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira (INES/RJ)¹¹, com mais de 5.000 sinais. Este admite realizar buscas por ordem alfabética, por palavras ou assuntos. Nele é possível acessar imagem, descrição, classe gramatical, com exemplos da Libras e da Língua Portuguesa. Também permite observar, em vídeo, como o sinal é feito na configuração da mão.

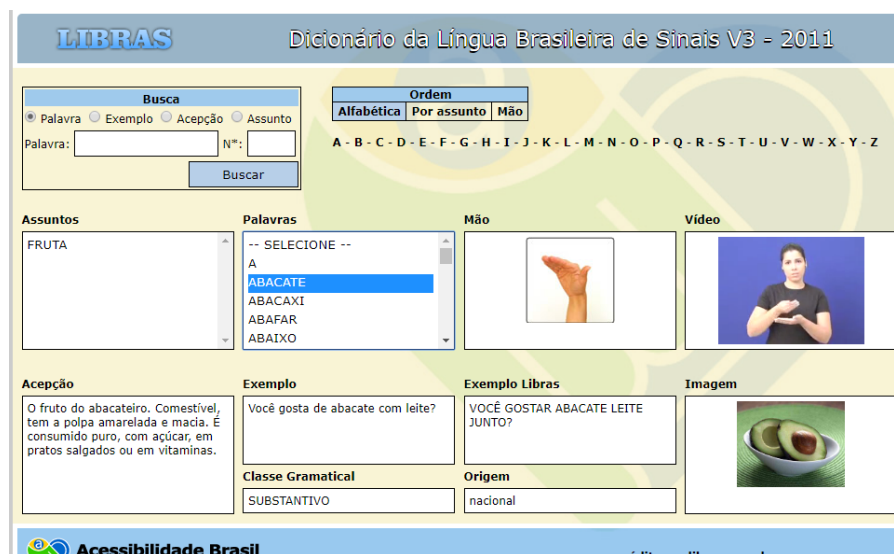


Figura 4: Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.

Na Língua Brasileira de Sinais, os dicionários e os glossários, assim como vídeos ou imagens, são registros de investigação, criação e aprovação dos sinais, e ferramenta de divulgação da língua que reflete a cultura e a identidade surdas, mas que guardam características das regiões onde foram criados. Conforme Pizzio, Rezende e Quadros (2009), há vários registros históricos de obras lexicográficas da Libras no país.

¹¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos, situado no Rio de Janeiro.

Para finalizar a breve história sobre os registros da Língua de Sinais, consideramos importante pontuar que a Comunidade Surda Brasileira tem, no Rio Grande do Sul, importante representatividade. A autora deste artigo participou do processo de criação do *Mini Dicionário*¹² da FADERS¹³, publicado gratuitamente em 2010, com fotografias e no modo *on-line*, e que conta com mais de 1.000 sinais. Vale ressaltar que a autora afirma que este dicionário gaúcho ajudou grandemente os iniciantes e o público em geral residentes no estado. Segundo os autores

O mini-dicionário de Libras é montado conforme a necessidade dos alunos, os sinais nacionais e os sinais gaúchos de uso cotidiano são disponibilizados, se houver a solicitação de alguma empresa ou órgão, os sinais específicos são acrescentados aos demais. O objetivo de todo este trabalho é proporcionar a responsabilidade social inclusiva entre ouvintes e surdos. (CLAUDIO, ABREU, RODRIGUES, BOSSES, 2010, p. 2).

Até aqui se pode observar que a maioria dos dicionários em Libras é organizada em ordem alfabética. Poucos deles são estruturados, também, por configurações de mão e imagens relacionadas à palavra. Outros são disponibilizados em vídeo, com descrição e definição em Português/Libras, mostrando informações gramaticais e exemplos de frases.

O GEIL entende que os dicionários impressos não são as únicas saídas para a ausência dos sinais para termos científicos. Mas a falta de sinais em áreas de especialidades como Biologia, Ciências, Saúde, Enfermagem e outras dificulta a atuação dos profissionais que atuam nestes campos, como os intérpretes e professores de surdos, que encontram obstáculos para o acesso e o uso dos sinais de que necessitam no dia a dia. Muitas vezes, a ausência do sinal se torna, para eles, uma “incansável tarefa de explicar o que significa determinada palavra soletrada toda vez que for necessária sua tradução” (CARDOSO, 2017, p. 60). Com isso, entende-se que há falta de grupos de pesquisa por áreas de especialidades para a realização de estudo e criação dos sinais-terminos científicos.

¹² Link do Mini Dicionário: http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf Acesso em: 12 dez. 2019.

¹³ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

OS GLOSSÁRIOS EM LIBRAS NOS DIAS ATUAIS

Os glossários são caracterizados por apresentar um conjunto amplo de significados e de abordar áreas de especialidades. Vêm sendo apresentados como um novo paradigma de caráter teórico e de sistematização, assim como de organização linguística no meio acadêmico. E essa mudança comprova, portanto, a necessidade de a Libras ocupar o espaço digital como língua de interação social e de comunicação visual. Conforme Nascimento (2016) aponta:

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossários nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnicos. (NASCIMENTO, 2016, p. 52).

O autor complementa, argumentando que na terminologia da Libras, o espaço de produção dos dicionários assim como dos glossários nos espaços acadêmicos, técnicos e em outros que auxiliem a participação e comunicação, tem sido uma conquista para a inclusão social dos surdos. Mas, mesmo com o avanço das tecnologias, percebe-se que, embora seja visível o crescimento da produção de materiais impressos ou *on-line* em Libras, como dicionários e glossários, é tudo muito novo e ainda há carência de materiais específicos para áreas afins.

Friedrich (2019) aponta também outro aspecto. “Outro papel importante da tecnologia é que um glossário em formato digital possibilita movimentos e expressões faciais, diferentemente de um glossário impresso.” (FRIEDRICH, 2019, p. 43). Isso leva a pensar que, para a atuação dos educadores, docentes, intérpretes e outros, não basta saber os sinais básicos. Eles reconhecem a necessidade de ir além, pois há as especificidades linguísticas de cada área. Por isso, são poucos sinais criados ou registrados, e esta foi a perspectiva que provocou os estudos do grupo de pesquisa.

Tem-se, então, um melhor entendimento acerca da definição de glossário e de que ele se ocupa. O glossário é, portanto, um produto terminológico, assim como vocabulários, dicionários e normas. Correia (2009) explica que:

um glossário é uma lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico (por exemplo, o calão ou a gíria), específicos da obra de um ator, constituída por neologismos, arcaísmos, regionalismos, etc. O

glossário distingue-se do dicionário não apenas pelo número reduzido de entradas, mas também pela possibilidade de reduzir as informações apresentadas. (CORREIA, 2009, p. 31).

Assim, compreendemos que o glossário é um conjunto alfabético de vocábulos, palavras específicas de um determinado domínio de conhecimento com a definição clara destes termos.

A primeira ação metodológica adotada pelo GEIL para a construção do nosso *Glossário Bilíngue de Termos Científicos em Língua Brasileira de Sinais* foi a dos estudos baseados em documentos como material da mídia e dos meios de comunicação. Esse modo de pesquisa é, segundo Angrosino (2009), “a análise de materiais que foram guardados para pesquisa, serviço e outros objetivos, oficiais ou não”, (ANGROSINO, 2009, p. 69), o que possibilita a criação de hipóteses que facilitarão a ida ao campo escolhido, e ajuda a prever os obstáculos inerentes à tarefa a ser enfrentada.

A partir da análise de dados, procuramos investigar os glossários mais atuais, criados entre os anos de 2005 e 2019, e existentes no meio digital. O objetivo foi realizar um estudo de como eram/são registrados, filmados e suas formas de divulgação. Optamos, então, por um conjunto de palavras de uma área de especialidade, neste caso, sinal-termo científico, na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais. No momento da análise percebeu-se que há poucos glossários registrados com boa investigação/criação do sinal-termo científico e a maioria dos existentes é publicada pelas instituições, pequenas empresas ou em vídeos do YouTube que foram divulgados por interesse pessoal de professores, estudantes surdos ou intérpretes de Libras.

Em 2006, a UFSC¹⁴, em parceria com outras oito instituições de ensino superior, ofereceu pela primeira vez o curso de graduação em Letras-Libras na modalidade a distância. No ambiente digital do curso disponibilizaram, então, os materiais em Libras e em Língua Portuguesa. Durante o curso, identificaram a necessidade de pesquisar ou propor sinais correspondentes para termos das áreas que utilizavam no curso. Os sinais foram salvos, divididos por áreas e configurações de mãos, no banco de dados do Glossário Letras-Libras¹⁵, que conta com espaço para se enviar os sinais para que possam ser avaliados, validados e registrados.

¹⁴ Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁵ Site: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/> Acesso em: 12 dez. 2019.

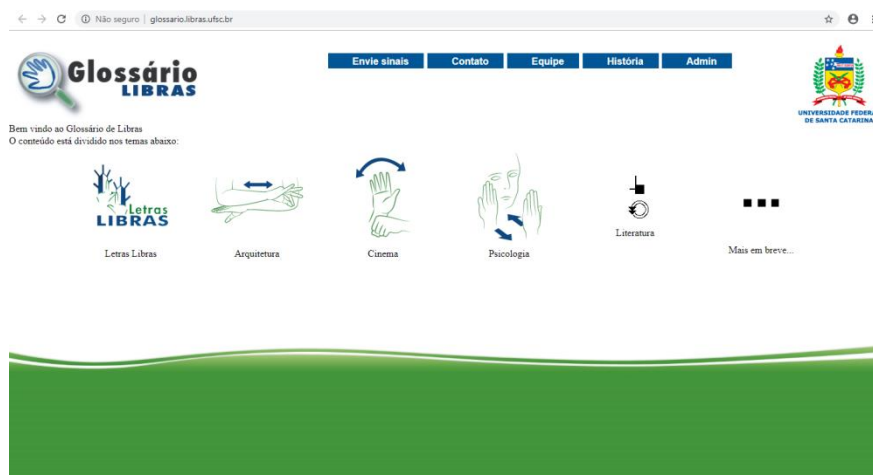


Figura 5: Glossário em Libras da UFSC.

Em pleno processo de investigação, encontramos alguns sites que oferecem sinais em áreas de especialidade, como o site do EPEEM¹⁶ (Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo), divulgado no ano de 2016, que apresenta um projeto que envolveu um estudo de sinais-termos da área de Biologia. São mais de 350 vídeos que estão registrados no canal do YouTube.



Figura 6: Grupo EPEEM.

Encontramos outro site, o *Janaina biologialibras*¹⁷, divulgado em 2019. Este, porém, até o momento desta pesquisa apresentava somente sete vídeos com sinais registrados, conforme aparece na figura 7.

¹⁶ Site: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCfFaHbGaSZ9cKQ/videos Acesso em: 02 jan. 2020.

¹⁷ Site: <https://www.youtube.com/channel/UCliWXM3-tbDqGbKlQpoJSjw/videos> Acesso em: 02 jan. 2020.

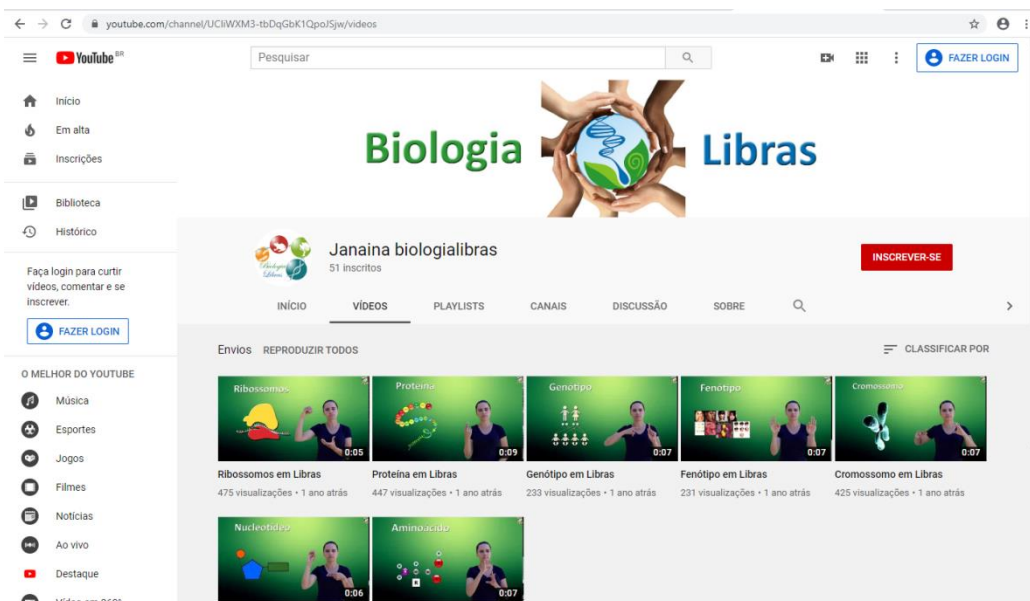


Figura 7: Janaina biologicalibras.

Observou-se que, no YouTube, há uma lista de vídeos de sinais de Biologia, mas que apresentam um risco. Muitos deles não foram criados por grupos de pessoas surdas ou de profissionais da área da linguística e que pudessem avaliar se esses sinais estariam de acordo com o contexto ou o significado científico da palavra. Entende-se que não é ideal criar um sinal fora das normas preestabelecidas, e empregá-lo se não faz sentido para aqueles que dele deverão se utilizar. Lembra-se, ainda, que a Libras é uma língua oficial, de complexa estrutura linguística, com parâmetros, além das variações linguísticas e regionalismos.

A descrição da pesquisa e da aplicação da coleta de dados propostas neste trabalho tem por objetivo dar uma ideia geral aos leitores acerca da realidade sobre a produção de glossários para a comunidade surda no Brasil. E reforçar que existe a necessidade de um espaço de discussão para que seja pensada e repensada a escolha de cada sinal a ser criado e validado. E para que os sinais criados em Libras sejam adequados e contextualizados à palavra em Português, para que possam, por fim, ser válidos e preencher as lacunas existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletiu-se, aqui, que para criar um glossário de Libras, pesquisadores surdos e ouvintes dos campos linguístico, educacional e comunicacional necessitam reconhecer a importância de esclarecer e unificar os sinais-terminos em diversas linhas de estudo e

pesquisa como saúde, ciências, negócio, política e outras. E o desenvolvimento de um glossário, por qualquer uma destas áreas, é um caminho desafiador e complexo.

Diante da experiência da investigação dos sinais e dos glossários já existentes, foram observados pontos fundamentais para melhorar o projeto criado pelo GEIL como: permitir aos profissionais (intérpretes, educadores e de outras áreas) surdos e ouvintes, aprender os sinais específicos de suas áreas de trabalho e de seus locais a fim de que possam usá-los na prática e no cotidiano; ampliar o campo de aquisição de língua de sinais por parte dos pesquisadores como também dos participantes do projeto, com o objetivo de fortalecer e valorizar a língua. Por ser projeto pioneiro na região de Porto Alegre, no que se diz respeito à Língua Brasileira de Sinais, tem se buscado realizar um estudo aprofundado, bem como seu adequado registro, para que o glossário desenvolvido possa oferecer material de qualidade, contribuir para a preservação da cultura surda e possibilitar acesso gratuito para toda comunidade do Brasil.

Espera-se que, após o glossário criado, este venha a contribuir com os professores para o ensino de alunos surdos em sala de aula e em outros ambientes onde se trabalha a ciência, como no Museu, no caso do GEIL, pois o glossário poderá ser acessado e explorado gratuita e diariamente.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. **Coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2.000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 05 jun. 2019.

CARDOSO, V. R. Os dicionários da Língua Brasileira de Sinais e suas contribuições. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n.1, p. 50-66, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/46235/23377> Acesso em: 02 jan. 2020.

CORREIA, M. **Os dicionários portugueses**. Lisboa: Caminho, 2009.

CLAUDIO, J. P.; ABREU, L. S.; RODRIGUES, P. S.; BOSSES, R. O. H. Um olhar sobre um mini-dicionário de Libras gaúcho. **I Encontro Regional Vivenciando uma Escola para Todos**, 2010. Disponível em:
<http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1273674936Umxolharxsobrexumxminixdicionarioxdexlibrasxgaucho1.doc> Acesso em: 12 dez. 2019.

LUCAS, C.; BAILEY, R.; VALLI C. **Sociolinguistic variation in american sign language**. Gallaudet University Press. Washington, D. C., USA, 2001.

FRIEDRICH, M. A. **Glossário em Libras**: uma proposta de terminologia pedagógica (Português-Libras) no curso de Administração da UFPel. 263 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em:
http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4480/1/Dissertacao_M%C3%A1rcio_Aur%C3%A9lio_Friedrich.pdf Acesso em: 13 dez. 2019.

NASCIMENTO, C. B. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 222 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OLIZAROSKI, I. M. H. Trajetória histórica do sujeito surdo e reflexões sobre as políticas públicas que regem a educação do surdo no Brasil. *In: Anais da XI Jornada do HISTEDBR - A pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios da sua institucionalização*, Cascavel, 2013, pp. 01-16.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. Tópicos de linguística aplicados à língua de sinais: semântica e pragmática. **Língua Brasileira de Sinais V**, CCE/UFSC, Florianópolis, 2009.

STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG C. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Gallaudet College Press. Washington, D. C., USA, 1965.

VELOSO, E.; MAIA, V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.